

CLARICE NO INFERNO

Releio — como se o lesse pela primeira vez — **A paixão segundo GH**, o mais importante romance de Clarice Lispector. Comemoramos, em 2014, seu cinquentenário de publicação. Enquanto o país se agitava com o golpe militar de 1964, Clarice publicava seu livro mais enigmático e perturbador. Em um ano de grande turbulência externa, ela vinha nos propor, através da via delicada da ficção, alguns parâmetros para uma revolução interior. Apostava — contra todos os sinais de desalento que se espalhavam pelo real — na grandeza do homem. Clarice sempre apostou no humano. Mesmo nos momentos mais dolorosos, dele nunca desistiu.

Em contraste com uma realidade irrequieta e difícil, Clarice escreve sobre os mecanismos secretos que separam a nós, humanos, dos animais. Nem sempre conseguimos divisá-los. Muitas vezes, sem encontrar explicações para nossos atos ou sentimentos, nos agarramos às lições redutoras da biologia. Como se fôssemos biologia pura, transformando-a, assim, em nosso inferno. Apoiamo-nos, desamparados, na noção de natureza e nela nos refugiamos. Trata-se — Clarice nos mostra em **GH** — de uma falsificação. Não somos apenas animais. É muito importante ter contato com essa parte instintiva que nos constitui, mas nossa vida não se resume a ela. Vai muito além — e é nesse além do corpo que o humano se decide.

Mais do que da natureza, somos habitantes da linguagem. Ela é nosso verdadeiro lar. Nela estão nossos fundamentos e também as razões maiores de nossa fragilidade. A história de **GH** é conhecida. Arrumando o quarto de empregada, uma mulher (**GH**) depara com uma barata. Assustada, e em um ato irrefletido (irracional), ela a espreme

contra a porta de um armário. Uma gosma branca escorre de seu interior. “O que eu estava vendo era ainda anterior ao humano.” A barata é puro instinto. É o neutro — nela não existe ainda a interferência da linguagem. “O neutro era a vida que eu antes chamava de nada. O neutro era o inferno.” Ao defrontar-se com o anterior ao humano é o próprio humano, por contraste, que se reafirma.

Com **A paixão segundo GH**, Clarice se recolhe para escrever sobre a mecânica secreta que nos constitui e que desenha nossa liberdade. Ao buscar um mundo anterior ao humano — a barata deflagra a presença da “coisa” —, é com o humano e sua potência que ela nos defronta. Talvez a agitação política tenha levado Clarice a se perguntar por essas relações de fundamento que, na enxurrada dos acontecimentos e das notícias — no atordoante deserto dos “fatos” —, costuma se perder. Os fatos nos arrastam, nos atrelam à carruagem da história, e esquecemos de simplesmente ser. É o que Clarice insiste em fazer, apesar dos movimentos adversos do real. Foi uma mulher politizada que, mais tarde, se engajaria nos movimentos sociais de 1968. Isso não a impede, porém, de saltar para dentro e de perseguir o núcleo do ser.

Há uma alegria em situar-se nesse mundo que, para além da linguagem, é matéria pura. “Vou te dizer: é que eu estava com medo de uma certa alegria cega e já feroz que começava a me tomar.” O confronto com a matéria, ou o “neutro”, guarda um aspecto assustador, mas também revelador. “O neutro é inexplicável e vivo, procura me entender: assim como o protoplasma e o sêmen e a proteína são de um neutro vivo.” Por contraste — por falta —, ele revela aquele “a mais” que nos distingue dos insetos. Ele nos revela. A experiência de **GH** no mundo da “coisa” é uma espécie de

perdição. Não tem certeza se conseguirá retornar ao humano — que, visto desde ali, parece tão distante. “Se eu conseguir voltar do reino da vida tornarei a pegar a tua mão, e a beijarei porque ela me esperou.” O beijo é o “a mais”: expressa afeto, manifesta um pensamento, ultrapassa os automatismos do mundo natural. O humano nasce de um choque: provar da gosma que escorre de dentro da barata agonizante, como faz **GH**, produz um susto que ultrapassa todas as noções de conforto, de elegância e de bem viver. Que despedaça o humano para, ato contínuo, nos revelar seu valor.

No ano de 1964, enquanto o Brasil experimenta dias frenéticos, Clarice conclui sua travessia do deserto — sozinha, desamparada, propositalmente decidida a se afastar das contingências humanas — e nos entrega um livro que, em contraste com o nascimento do regime militar, parece completamente absurdo. Nesse território anterior ao humano, onde as coisas são o que são, não há sentido, mas apenas matéria. Contudo, é a partir dele que um esboço de sentido pode se constituir. É só porque estamos vivos que podemos ser. “Eu não quero perder minha humanidade!”, **GH** desabafa depois de tudo o que viveu. O que fez senão ver a humanização por dentro? O que fez senão escavar nossos fundamentos mais dissimulados?

Com seu exercício íntimo, **GH** luta para se afastar das repetições do humano e chegar, assim, a seus fundamentos. “A humanidade está ensopada de falsa humanização, como se fosse preciso; e essa falsa humanização impede o homem e impede a sua humanidade.” Ao pensar no humano, não pode excluir o bicho que somos. O “neutro” nos habita — a algo dentro de nós que nos submete e nos ultrapassa. Diante desse abismo, só o retorno à linguagem pode nos salvar. Clarice precisou atravessar um deserto para retornar, enfim, à literatura. **GH** é um livro de transição, que marca seu retorno ao Brasil depois de se separar do marido diplomata. **GH** indica seu caminho de solidão. Não como um castigo, mas como um destino. Como o ponto de partida — ponto zero — sobre o qual podemos, sem o recurso das máscaras, tomar posse de nós mesmos e nos constituir. 📖

NOTA

O texto *Clarice no inferno* foi publicado originalmente no blog *A literatura na poltrona*, do caderno *Prosa*, do jornal *O Globo*.

No ano de 1964, enquanto o Brasil experimenta dias frenéticos, Clarice conclui sua travessia do deserto — sozinha, desamparada, propositalmente decidida a se afastar das contingências humanas — e nos entrega um livro que, em contraste com o nascimento do regime militar, parece completamente absurdo.